

MIN PROGRAMA PARÂMETROS EM AÇÃO

IUMA PROSA SOBRE FORMAÇÃO

***"Não digam nunca: isso é natural!
Diante dos acontecimentos de cada dia.
Numa época em que reina a confusão.
Em que corre sangue,
Em que se ordena a desordem,
Em que o arbitrário tem força de lei,
Em que a humanidade se desumaniza,
Não digam nunca: isso é natural!"***

....

***Sob o familiar, descubram o insólito.
Sob o cotidiano, desvelem o inexplicável.
Que tudo que é considerado habitual
Provoque inquietação."
(Bertold Brecht)***

Em cada relatório percebo a importância da engrenagem de escrever e refletir sobre o que se faz. Percebo os pequenos avanços em minhas ações à medida que volto à prática desenvolvida para compreendê-la melhor e para ter parâmetros para analisar o que fazemos. Tarefa imprescindível, porém nada fácil. É preciso manter o braço aquecido: o insaciável e abrasivo hábito de escrever.

Para estas escritas tentamos alcançar na reflexão o miolo propulsor, aquele que aquece e impulsiona idéias e novas possibilidades de trabalho. O esforço exigido para esta tarefa ganha significação porque está articulado a situações emocionais e sociais; porque há um interesse pelo conhecimento por si mesmo; porque há um compromisso com o grupo (PCN em Ação) de agregar contribuições para o programa; porque há um compromisso político com o aprimoramento da formação dos professores do país (como fazem tão bem Rosaura, Rosa, Antônia, ... que estão sempre enviando reflexões tão importantes!).

Uma das condições mais relevantes para este movimento de re-significações é a paixão pelo novo saber, pelo conhecimento. Aliás, a própria história dos poetas já diz: "a supremacia humana é a supremacia da paixão", que podemos aqui traduzir para o conhecimento, isto é, só sobreviverá quem tiver paixão em aprender.

"As paixões humanas são um mistério, e com as crianças acontece a mesma coisa que com os adultos. Aqueles que se deixam levar por elas não podem explicá-las, e os que não as viveram não podem compreendê-las."

Um dos principais responsáveis em disparar esta paixão é o professor, é ele quem deve "dar asas para seus alunos voarem", é ele quem deve apresentar uma relação criativa com o saber para se adaptarem à sociedade mutante que vivemos, é ele quem deve liderar a luta contra a "escravidão da ignorância" é ele quem deve mostrar o prazer em descobrir novas cotas do mundo, em fazer leituras com novos significados. Então percebo o nó ao conhecer educadores de rincões tão diversos... muitos não tiveram oportunidade de desvendar esta paixão, não sabem como trilhar um caminho até ela, não lhes é permitido consumir e produzir conhecimento.

Como podem orientar os caminhos do conhecimento (como faziam os gregos) aos alunos se eles não os conhecem? O quanto, nós formadoras, contribuímos apresentando estes caminhos? O quanto conseguimos transformar o olhar das educadoras sobre as possibilidades de trabalho com os alunos, de que são capazes de ir além das letras, dos algarismos de 0 a 9, das histórias de 3 páginas, das conversas sobre os finais de semana, dos desenhos de casas e árvores, ... enfim que podemos propor conhecimento em lugar da "hipnose"?

De acordo com as produções escritas mais recentes sobre formação, um bom professor deve auto-regular seu processo de aprendizagem, deve tomar decisões coerentes com sua crença sobre ensino e aprendizagem, deve refletir sistematicamente sobre sua prática, deve buscar interlocução, deve acompanhar os novos paradigmas; enfim, deve se reconhecer como um pensador, um intelectual, capaz de tomar decisões autonomamente e de integrar os marcos referenciais para que esta tecitura provoque melhores aprendizagens.

Este professor pensa sobre sua prática o tempo todo: dentro da sala de aula, lidando com os imprevistos e buscando soluções coerentes com sua concepção e fora da sala, quando faz de sua prática um objeto de análise e reflexão. O teórico Donald Schön define em seus estudos estes dois movimentos do professor como: o conhecimento na ação (lidar com o não planejado, com o imprevisto durante a ação) e o conhecimento sobre a ação (distanciado da ação, o professor reflete sobre a sala de aula).

Para o professor assumir esta postura é preciso que tenha consciência educativa. Esta consciência está intimamente relacionada a autoria e pressupõe respostas para algumas questões como: o que ensinar, por que ensinar, para que ensinar, como avaliar. Na ausência destas respostas, o professor não atribui sentido, não consegue "bançar" a sua prática, fica vulnerável a "modismos" inconsistentes. Quantas vezes já ouvimos professores que trabalham em redes públicas dizendo: "quando trocar a gestão política virá outro grupo de formadores e provavelmente mudarão tudo"; estas falas comuns apontam a fragilidade de suas crenças educativas.

"Como tornar o conhecimento apaixonante por si mesmo? Essa não é somente uma questão de competência, mas de identidade e de projeto pessoal do professor."

Como ainda nos faltam respostas sobre os mecanismos envolvidos na disponibilidade para aprendizagem, nos apoiamos no conhecimento didático, que de acordo com Perrenoud: *"ajuda a fundamentar-se nas representações prévias dos alunos, sem se fechar nelas, a encontrar um ponto de entrada em seu sistema cognitivo, uma maneira de desestabilizá-los apenas o suficiente para levá-los a restabelecerem o equilíbrio, incorporando novos elementos às representações existentes, reorganizando-as se necessário."*

Outro recurso que temos, além da competência didática, é o prazer com que somos embalados pelo conhecimento; é a paixão que marca nossa relação com as novas aprendizagens. Não à toa, pois fomos arrebatados pelo conhecimento e não conseguimos mais sobreviver sem ele, somos dependentes. A relação é com o conhecimento e não com o conhecido, é para a abertura das possibilidades; é para o exercício da liberdade.

A competência, neste caso, não é a paixão pessoal, pois muitos não conseguem partilhá-la e nem contagiá-la, portanto, *"a competência aqui visada passa pela arte de comunicar-se, seduzir, encorajar, mobilizar, envolvendo-se como pessoa."* A comunicação que incorpora a paixão, o poético e os sentidos é uma estratégia eficiente para mobilizar o interesse dos alunos, é uma forma de dizer diferente das outras. Ela ornamenta. Ela vive e dá vida. Convida. Não sem razão, Piaget dizia que o interesse é o lado afetivo dos esquemas cognitivos.

O conhecimento é uma oportunidade de ser feliz pela autoria. É preciso encontrar alguma realização na ação sobre o conhecimento e reconhecer a aprendizagem como transformação da perspectiva cultural.

Por esta altura, foram abordadas duas competências determinantes em um processo de formação: o conhecimento didático e a possibilidade de comunicar a paixão pela aprendizagem permanente. Em paralelo a estas competências, estão os projetos de formação, pois como vimos discutindo há algum tempo, os projetos têm sido uma forma eficiente de organizar os saberes culturais e de atribuir um sentido maior às atividades envolventes. Eles favorecem o encontro com o êxito, com a realização. De fato, o objetivo compartilhado e o produto final sublinham o sentido a todo o esforço despendido para enfrentar os desafios lançados: (...) *"em um procedimento de projeto, o principal motor para o qual o professor pode apelar é o desafio do êxito de uma tarefa que perde seu sentido se não chegar a um produto. Frequentemente, esse desafio pessoal e coletivo é acompanhado por um contrato moral com terceiros: quando se anunciou um jornal ou um espetáculo, tenta-se honrar essa promessa."*

Nesta cadência de formação deve-se garantir um espaço real de interlocução, um tempo em que formadores e professores planejam juntos, pensam juntos, refletem juntos e projetam juntos. Além de lançar mão do repertório de estratégias metodológicas que vimos pensando e ampliando, o formador não pode esquecer do momento de aprendizagem de seu grupo de professores, dos conhecimentos prévios que dispõem no momento, do poder de fogo intelectual que apresentam e do movimento de apontar e acolher. É preciso cuidar desta parceria formador/professor para não exigir sem oferecer instrumentos, para não deixá-los sozinhos e desarmados, para a música não vibrar alta demais para um corpo.